



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

Excerto de «Quase-Diário»

Yvette K. Centeno

Para citar este documento / To cite this document:

Yvette K. Centeno, "Excerto de «Quase-Diário»", *Colóquio/Letras*, n.º 173, Jan. 2010, p. 146-154.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

YVETTE K. CENTENO

excerto de
Quase-Diário

Ninguém pode escrever um livro.
Para que um livro exista verdadeiramente
Requerem-se a aurora e o poente...

JORGE LUIS BORGES

Não quero ser uma árvore, quero ser o seu
significado.

ORHAN PAMUK

JÁ TENHO um livro escrito em cadernos, à mão, como de costume. O rereer as provas de um livro anterior deu-me o impulso para uma novela que foi rápida e que pensei transformar em novela de «iniciação», se isso não fosse demasiado pretensioso. Mas de verdade não quero iniciar ninguém. Quero escrever, e de novo recorro a fragmentos da memória, guardados como se fossem sonhos. Vou escrevendo, contando, pelo caminho.

A escrita é uma aprendizagem, e aprender não tem fim. Por alguma razão os psicanalistas mandam escrever os sonhos de que nos lembramos ao acordar. Por alguma razão os alquimistas se exprimem numa linguagem cifrada, aparentada à dos sonhos. A teia que com o tempo neles se desenvolve permite adivinhar um desenho, o desenho da própria vida. Foi o que fiz, na pequena novela: recuperei um desenho. Será ele o verdadeiro? Ou apenas um dos vários motivos que na teia surgirão até se chegar ao fim?

Comecei em 2006 dois blogues onde escrevo sobre as matérias que mais me agradam. É um espaço de livre expressão onde os outros podem entrar, concordando ou discordando, conforme.

Abri os blogues para escapar ao aborrecimento. Descobri-me com saudades da década de 60, a minha, onde havia pouca liberdade mas muita esperança, muito atrevimento e alegria. Agora Portugal envelhece, emagrece e a sensação que tenho é que em breve morrerá: por dentro, se não for mesmo

por fora, com fronteiras redesenhadas por uma Espanha das regiões. Já não é mau ter sobrevivido na sua forma actual ao longo de mil anos. Os milenaristas acharão aqui matéria para melhor elaboração, eu fico pelo presente triste, dos reformados, num país que se auto-reformou há muito, sem dizer nada a ninguém. Estamos feitos, como diria um amigo, ou melhor, estamos desfeitos, e não saberemos se jamais seremos refeitos.

Uma estranha coincidência, que me fez sentar ao computador e começar a escrever, foi ter descoberto que um dos bloguistas fiéis, americano e cujo nome não revelarei, tinha entre os seus livros preferidos a *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, e estava a pôr no blogue o princípio de uma tradução para inglês para a qual pedia ajuda e sugestões. Fiquei radiante: a seguir a Pessoa no mundo, em inglês pela mão de Richard Zenith, entre outros, chegava a hora de uma das mais belas narrativas poéticas das nossas novelas de cavalaria. Um livro ao mesmo tempo imaginoso e intenso, no seu mistério, que leva os sábios a desentenderem-se quanto ao seu significado profundo. Um apelo da Shekina judaica, uma ocultação de origem, ou um prazenteiro relato para ser ouvido na música das suas palavras, algures, ao anoitecer, nalgum castelo escondido da imaginação?

Mas a coincidência que me entusiasmou foi que eu tinha começado a minha novela com as primeiras linhas da *Menina e Moça*, enquadrando assim o que iria ser o meu texto nesse texto misterioso, pungente a seu modo, carregado de saudade como a saudade que eu própria já tinha de escrever.

Eis-me disposta a ajudar um curioso da nossa literatura que escolheu para ir traduzindo no seu blogue um livro bem difícil, mas que lhe dará imenso prazer. Aqui entra de novo a minha querela com este país que é o meu: nenhuma iniciativa, por parte das instituições, no sentido de custear como deve ser a tradução e publicação das nossas obras de maior prestígio. Lembro a lírica medieval, o teatro vicentino, ou esta Menina, levada de casa de seus pais e andando perdida e esquecida por aí. Foi descoberta agora? Ainda bem. O nosso Bernardim Ribeiro merece.

Sou interrompida por uma alemã em busca da *Passagem das Horas*, de Álvaro de Campos.

Mesmo quando não me estou a ocupar da obra de Pessoa ele acaba por vir ter comigo, como que a chamar-me a essa responsabilidade de o estudar, de o divulgar, de não o deixar cair no esquecimento. Não deixo, uma parte da sua energia permanece connosco, permanece comigo. Respondo sempre a todo e qualquer apelo.

De Ulrike tive notícias. De Galvão nenhuma. E aguardo um *mail* do John. Por enquanto são estes os mais importantes.

O que as televisões oferecem: futebol, propaganda política, telenovelas. Impossível não imbecilizar. Sobram os canais, sobra a *net*, mas no país inteiro

quantas pessoas têm direito a isso? O mundo ainda é um luxo distante para a maior parte dos portugueses.

E concordo com Fernando Pessoa quando escreve: ser inferior não é superioridade nenhuma.

Em Portugal o que há é uma mediocridade generalizada, infelizmente crescendo e envolvendo toda a sociedade. É difícil escapar.

Vamos lá então a um dos possíveis princípios do que eu ia contar:

O feriado do dia 13 de Junho de 2005 transformou-se na viragem de um ciclo histórico. Morre Vasco Gonçalves, o General da Revolução do 25 de Abril de 74; morre Álvaro Cunhal, o Político da Revolução de que o General foi apenas uma triste *marionette*; morre Eugénio de Andrade, o Poeta universal a quem a Revolução ampliou a voz. De todos, o que melhor serviu o país foi o Poeta. O tempo não apagará a sua voz, o seu verbo não foi de ocasião, não foi transitório como virá a ser a utopia dos outros. Escreveu as coisas simples da vida, os sentimentos e os deslumbramentos, não se escondeu atrás de falsos pudores, amou o corpo e amou a alma, com igual intensidade.

O seu verbo não é impositivo, respira-se nele uma liberdade absoluta.

De que falamos hoje quando falamos de liberdade?

O que se perdeu nessa palavra que tanto nos comove e nos atrai? Eu penso em Paul Éluard, e logo me ocorre o seu cântico: *J'écris ton nom...*

Mas hoje não sabemos o que cantar. O progresso, a globalização, o conhecimento da natureza e do mundo, cada vez mais alargado, sim, mas utilizado de que modo? Nada sabemos da sua utilização, apenas o que os Poderes entendem deixar escapar. Simplista? Claro, mas no simplismo cabe muita verdade.

Eu estava a começar. Hesitei. Começaria pelas cartas? As cartas a Diotima, escritas ao longo de dezenas de anos. Por elas se adivinhava um caminho, que na realidade não chegou a ser seguido. A ele se sobrepunha um destino, uma interferência (é isso mesmo o destino, uma permanente interferência) a que alguns chamariam Karma, como se fosse um castigo.

Apesar de tudo houve o esforço de andar. E houve aprendizagem, como nos romances do século XVIII. E não é isso um caminho, ainda que contrariado pelo destino?

Ulrike respondeu, enquanto eu estava a escrever: estou parada, é uma forma de ir andando. Não há mais traduções de Pessoa?

Peguei nas cartas, estavam metidas dentro de um velho saco de plástico, amarelado e já meio roto. Tinham passado vinte anos sobre aquela correspondência mais do que regular, fidelíssima. Não eram cartas de amor, eram de entreajuda. Ordenei-as cronologicamente, como se fossem objecto de estudo e não de afecto.

Agora respondo ao *mail* da Ulrike, e a seguir, ou talvez só amanhã, escolherei as cartas mais interessantes, das imagens mais fortes e complexas, que

melhor ajudaram à mudança. Não houve grande mudança, mas houve um grande esforço de atenção, um esforço de aprendizagem. Não do mundo, de si mesmo, que é o mais difícil. Hoje sei que nunca nos conhecemos a nós próprios.

Quem era Diotima? Aqui será pseudónimo. Mas vamos ler primeiro o *Banquete*, de Platão, e vamos ler depois *O Homem sem Qualidades*, de Robert Musil. Daqui a um tempo podemos voltar a falar. Será de arquétipos, de estruturas fundadoras, a conversa.

Uma das cartas discutia a essência de Diotima: uma energia latente, irradiante, manifestada por vezes na pequena vida de cada um, sob forma de atracção irresistível. Diotima não tinha idade.

Galvão no blogue afirmava que uma das características da espécie humana era a sua incapacidade de se aborrecer. O homem não gosta de se aborrecer, dizia ele, não gosta de ficar parado, move-o uma curiosidade insaciável e por vezes perigosa que põe em risco a sua vida. É isso que o distingue. Pois bem, não posso discordar mais, e sugeri ao bloguista que lesse a obra de Fernando Pessoa, principalmente o *Livro do Desassossego*: «Jazo a minha vida. E nem sei fazer com o sonho o gesto de me erguer, tão até à alma estou despido de saber ter um esforço.» Ah, a tradução: «I spend life lying down. And not even in my dreams can I make a move to get up, so complete is my incapacity for any and all effort» (trad. Richard Zenith).

O que há de mais interessante nas cartas é aquele impulso de perguntar, perguntar sempre.

Galvão lançou a discussão sobre o amor: é melhor amar do que ser amado? Pessoalmente ele achava que o ideal seria amar e ser amado. Houve quem lhe escrevesse: até conhecer a minha mulher nunca pensei no amor, era mais sexo, mesmo quando não era correspondido e apenas imaginado. Quando me apaixonei por ela percebi que amar é o melhor de todos os sentimentos. Eu não entrei na discussão, mas pensei em Rilke, nos *Cadernos de Malte...* e nas suas descrições da amada, e das Cartas da Portuguesa que ele considerou a amante perfeita.

O amor não é algo de perfeito, de acabado, de absoluto, é um sentimento em mutação, um sentimento a caminho, um mediador, um *daimon* e não um deus, como os Antigos o entendiam. A ser um deus era um deus da permanente metamorfose, pois só o que muda e se transforma pode ser eterno. Não há eternidade nos deuses, há mudança, como no mundo e nos homens: mudam-se os tempos, mudam-se as vontades. Será que Ulrike, depois de ler Pessoa, se interessará por Camões, como John se interessou pela *Menina e Moça*? Tudo o que ele pôs no blogue foi tirado da Wikipédia. Tem de fazer melhor.

Voltando ao amor: expressão do humano no divino e do divino no humano? O amor, como a arte, algo que nos tira daqui?

O amor, nas palavras de Diotima, é uma figura que vem do lado de lá do sono, do sonho e da noite mais escura. Indefinível, faz a ponte entre o ser e o nada; colocado entre um e outro, preenche o intervalo de modo a reunir as partes do grande todo; nele têm origem a encantação da magia e da feitiçaria, a arte da adivinhação, da iniciação aos supremos mistérios. É por meio desse *daimon* que os deuses conversam com os homens, durante a vigília e durante o sono, e o homem conhecedor destas coisas é demoníaco por definição.

Diotima falará dos sonhos, nas suas cartas, e da energia mediadora que transportavam consigo.

Interrompo esta cavaqueira, chegaram para almoçar o João e a Mariana, com o Bernardo pequeno e a Teresinha, com os óculos novos, cor-de-rosa. Amanhã começam as aulas.

Vai chegar um pouco atrasado o Berna com a Vera, a Joana e o Diogo. Ainda bem que se fez um almoço de que as crianças gostam.

Diotima viu no Google que o seu autor preferido tinha morrido. Encomendou os últimos livros que ele publicara, e pensou que não se devia ter esquecido dele durante tanto tempo. Foi pena.

Rer as cartas antigas faria algum sentido? Como que a proteger-se foi buscar o fio de ouro com pó supostamente alquímico. Claro que era tudo brincadeira.

De que se fala, quando se escreve? De si mesmo e da escrita, é a escrita que nos escreve e não o contrário. Terei de dizer a Galvão, se ele responder, que para as questões de arte e de estética a melhor leitura é o *Livro do Desassossego*, depois de Mallarmé, ou de Amiel, cujo diário Pessoa leu com atenção. Mas desagradava-lhe, em Amiel, a preocupação de publicar. Pessoa não se importa com isso, ou diz que não se importa, e deixou quase tudo inédito, como prova, provação e provocação.

O que se pensa, quando se escreve? A dada altura já não se pensa, a mão corre sozinha, a escrita toma conta do pensamento, a ideia, se o era, deixou de ser, transformou-se em ritmo, adquiriu um movimento muito próprio.

Vai a enterrar Álvaro Cunhal. Admiro-o, é impossível não admirar a sua coragem, a sua determinação, a sua inteligência e cultura. Foi pena que a utopia se transformasse em pesadelo. Era previsível, já na República de Platão a liberdade era um bem despreciando, cuidava-se que uma cidade e uma sociedade seriam perfeitas se regidas por espíritos superiores... mas quem definiria o que é ser superior? Os primeiros a chegar a uma definição seriam os detentores de um poder absoluto, e de tão absoluto necessariamente destruidor, como no nosso tempo se verificou. Mandar é a última perversão, ninguém escapa ileso à tentação do poder.

Na verdade Cunhal desejou lutar pelos simples, pelos desprovidos de voz. Mas acabou servindo mais o partido do que o povo de quem se fez ini-

cialmente arauto. E do país nem falo, andámos décadas para trás, enquanto já se preparava a queda do Muro na Alemanha, a queda do Império temível na Rússia soviética — todo o mundo em mudança e Portugal adoecendo com a pior das cegueiras, a de quem não quer ver.

Do Portugal retrógrado também Pessoa não deixa de falar, mas durante a Revolução de Abril Pessoa e Camões, com Amália, foram banidos como «fascistas».

Entretanto aprendeu-se uma parte, só uma, da lição.

À noite devem vir o Pedro, com a Cristina, a Marta, a Maria, o António e a Sofia; também telefonou o Miguel, virá dormir, com a Luísa e o Vasco, ainda estão em férias, e depois seguem para Évora, para um festival de aeronáutica organizado pelo Júlio Isidro. Fiquei a saber que tem essa paixão dos aviões, o que o torna ainda mais simpático do que já é na televisão.

Diotima podia ter falado da paixão, essa doença da alma. Esgota e esgota-se relativamente depressa. A diferença entre paixão e amor é que o amor pode transformar-se, há uma certa harmonia que faz parte da sua natureza. A paixão nunca é harmónica, se o fosse não seria paixão. O termo aqui tem de ser intensidade, e não harmonia. O amor não divide, porque não exige entregas absolutas, une, mais facilmente, ou procura unir. Dizemos amor e a dada altura podemos dizer amizade. Com a paixão isso é impossível: devora e depois não deixa nada. Quando se chega à amizade vive-se um sentimento tranquilo, próprio do equilíbrio que se foi atingindo. *Se, é claro, se, pois nem sempre se atinge.*

Respondi ao John com algumas informações sobre a *Menina e Moça*. Essa melancolia de sabor distante, que é tão nossa ainda hoje, esse sabor de exílio de alma, esse apelo que parece vir da Shekinah ao desprender-se da sua esfera natural, é o nosso ainda hoje, é o de outrem que desconhecemos mas adivinhámos? Que fundo é esse da alma portuguesa que ali tão profundamente se esconde e se revela? Uma novela de cavalaria com fado em pano de fundo: «Menina e moça me levaram de casa de meu pai para longes terras». Levada às escondidas, fugindo pela calada da noite, expulsa do seu país? Esta Menina só pode ser Bernardim e não outro. É a sua alma, desolada, perdida, saudosa de um mundo que nunca mais será seu. A novela enreda-se em memórias de memórias de memórias, tão longínquas todas, tão irreais...

Não me lembro de ver em Pessoa referências a esta obra-prima da literatura portuguesa, fundadora longínqua do nosso mito da saudade e de um outro mito ainda sempre presente, o do destino colectivo de um país que se feriu e se esqueceu de si mesmo, deixando as feridas abertas, por sarar. Estamos todos doentes, cada um à sua maneira, uns mais conscientes disso, outros menos. Os menos conscientes são os mais felizes, Pessoa também *dixit*.

Fujo de casa, mas não fujo para muito longe. Vou para a esplanada do Valbom, onde todos me conhecem, a mim e a todos nós, desde que abriam,

há anos, pela primeira vez. O Sr. Pereira, o Sr. Manuel, a jovem Ana, brasileira emigrante mas que parece ser feliz, e o mais recente, jovem romeno, que já fala português como se tivesse nascido cá. O Sr. Manuel discute futebol com o Bernardo. O jovem romeno, a quem ainda não perguntei o nome mas falta pouco, gosta de se ocupar das minhas «bicas» cheias.

Expliquei-lhe que é o nome que damos ao café preto em chávena pequena. Um dia em que me viu tomar uma aspirina com o café, e já era o segundo, disse-me com ar protector: um médico na minha terra não aconselha remédios com café, fazem muito mal ao estômago. Ri-me, se ele soubesse que tomo tudo com tudo, seja o que for, e que faço do café o meu grande sustento...

O que faria este jovem no seu país? Pelo ar delicado devia ser estudante. Lá fora os estudantes servem nos cafés, é uma maneira de ir pagando os estudos. Aqui é que não há ainda essa tradição, como se trabalhar, mesmo para os que têm mais dificuldades, fosse insuportável humilhação. Ou se penduram nos subsídios do Estado ou emigram, para não serem vistos em trabalhos menores.

Álvaro Cunhal pediu que ao seu enterro viessem todos, os grandes e os pequenos. Que não faltasse nenhum dos mais humildes. E pelas imagens é verdade que acorreram a esse último adeus, quase comício, respondendo ao pedido. Fechou-se um ciclo com ele, fechar-se-á outro, o último da democracia conquistada, quando morrer Mário Soares.

A política futura não será conduzida por idealistas, mas por oportunistas, nados e criados no interior das esferas partidárias, sem abertura ao mundo, sem cultura que não seja a da trica manipuladora. Na sociedade da imagem, a imagem matará, como já está fazendo, a palavra honesta, verdadeira, e só ela redentora. Este novo país não é o meu, não me reconheço nele, e quem sabe se é por isso que abro blogues, para encontrar pessoas que pensem e sintam como eu.

Pessoa disse que escrever é esquecer.

Eu digo que escrever é lembrar. E que escrever, mesmo que seja fugir, é voltar. Respondi ao John: «O livro há-de ser do que vai escrito nele.» Bernardim antecipa Mallarmé e Pessoa numa afirmação tão simples que se torna complicada. Sentir e escrever, sendo a escrita a matéria do livro e não a floresta enganosa dos enredos que nele se vão cruzar. A aventura do dizer é que é a verdadeira aventura, a história é a própria escrita, «o livro há-de ser do que vai escrito nele». O que não se escreve não existe.

Corrijo então Pessoa: escreve-se para existir, e isso ele sabia muito bem, pois de verdade existiu para escrever, e permanece porque escreveu.

Os jacarandás em flor brilham no ecrã da televisão. Canta-se *A Internacional*. Há grandes planos de lágrimas em homens e mulheres. Por ter posto os seus soldados a cantar *A Internacional* na parada, em Tavira, ficou outrora o meu pai preso durante um ano. O Rogério tomava conta dele, levando-lhe comida à

prisão. Chamava-lhe menino, como nesse tempo era costume. Por carinho, por afecto paternal, não por subserviência. Naquele tempo as casas eram grandes, alargadas a muitos, todos fazendo parte da família. Ali se casava, se fundava família, os laços eram fortes, a memória feliz. As câmaras focam em especial os dirigentes do Partido. A urna entra no crematório e em breve do herói restarão só as cinzas. *Ashes to ashes...*

Escrever «pede muito repouso», diz Bernardim. Ah, como lhe dou razão. Para escrever em paz Pessoa abdicou da vida que outros lhe teriam desejado (penso na jovem Ofélia, tão avançada para o seu tempo, trabalhando, andando sozinha de eléctrico, quando eu, ainda na década de 50 mas já com dezoito anos, se estivesse em Tavira só podia sair de casa acompanhada pela Antónia ou pelo Rogério ou por ambos — foi de resto o que acabou por ajudar ao seu namoro e casamento).

Repouso e disponibilidade mental. No intervalo do repouso a grande concentração, para não perder o fio condutor. Mas é tão bom ir perdendo o fio condutor, desfiá-lo em vários, complicar o bordado.

Na *Menina e Moça* o narrador enovela-se, emaranha-se, demora no detalhe que parece inútil. Mas nada na escrita é inútil pois do que vai nela, muito ou pouco, será feito o livro. Dos detalhes teremos de extrair a jóia delicada que é o pensamento. Bernardim escolhe, como o rei D. Dinis, falar pela boca de uma mulher. O mesmo fez o cavaleiro francês que publicou (escreveu?) as Cartas da Portuguesa, de tão rica influência até aos nossos dias, pela evocação de Rilke. A boca da mulher fala melhor, fala mais do coração, do sentimento, da entrega e da saudade. A *Menina e Moça* é, vendo bem, uma Cantiga de Amigo. Assim devia ser lida, por momentos, por fragmentos, à noite, no silêncio de alguma alcova amorosa. Cantam-se muitos amores, mas a nostalgia de um só: o da casa do pai de que foi retirada. O seu país, de montes e vales distantes, é o país de Mignon evocando a terra amada onde os limões florescem. É o país da Alma.

Aquilino Ribeiro considerou a *Menina e Moça* um texto delirante, atabalhoado, que podia ter saído da pena de um lunático internado num hospício. Apreciação cruel, bem ao gosto do seu positivismo. É certo que a imaginação é, para uns, a louca da casa (Santa Teresa de Ávila); para outros a estrela no homem (Paracelso).

Qualquer destas afirmações me agrada, são ambas verdadeiras, e reconhecem o papel da imaginação na existência humana. O olhar de Aquilino distingue o que entende ser a realidade objectiva (mas o que é isso?) e recusa o sonho. Ora o sonho é parte do real, produto do todo da consciência, que o inclui, nas esferas do sub- ou do inconsciente.

Hoje esta afirmação é, mais do que consensual, banal. E há que fazer justiça a Bernardim: antecipou-se, deu-nos o sonho a sonhar para que, acordados, fôssemos mais completos.

O sonho é parte do real, como o repouso é parte da acção. Hoje Bernardim teria direito a um lugar de destaque na literatura universal. E apercebo-me, pelos *posts* de John no seu blogue, que isso irá acontecer. O primeiro passo é traduzi-lo para inglês. Assim se chega ao mundo, assim chegam muitos ao Nobel, prémio que de outro modo nunca alcançariam.

Acabou a transmissão do enterro de Cunhal, o dia está a cair e vejo na varanda o melro de bico amarelo. Apanha migalhinhas de bolacha no chão. Foi o António que esteve lá fora a comer. Agora juntam-se ao melro o Vasco e a Luísa. O melro foge, e a Luísa mostra aos primos a faixa amarela que ganhou no Karaté.

Há na *Menina e Moça* um núcleo de intensidade narrativa que merece atenção: é aforístico e lírico e por isso críticos como Aquilino tiveram dificuldade em entendê-lo, no entremeado da história ou histórias variadas. Bernardim multiplica os nomes e as lágrimas, as situações repetem-se ou são demasiado parecidas, o que retira interesse à narrativa. Mas o fio da narrativa não é a principal finalidade do Livro. A principal finalidade e grande inovação é a ideia de o Livro ser o que nele vai escrito, do modo que vai escrito, em suma, um exercício de linguagem para dizer o que não pode ser dito. Valère Novarina não se envergonharia de ter um discípulo assim, se tal coisa fosse possível na inversão do tempo.

O Verão português decorreu entre incêndios que devastaram o pouco verde que vamos tendo e os dramas caricatos de um futebol sem vergonha do qual todos tiram proveito. Políticos, juristas, directores, pseudopresidentes que ofendem esse nome, tudo desfilou perante as câmaras sem a menor noção do ridículo a que se sujeitavam. O povo, que adora futebol, porque essa, sim, é uma forma de esquecer (e não a escrita, que serve para lembrar) assistiu pasmado e já confessa, nos *talk shows*, estar farto de tanta bagunça.

Que país, onde tudo é possível, o sim e logo o não, do modo mais chocantemente *post-moderno* que se possa imaginar.

A questão, como escreveu Miguel Sousa Tavares, é puramente ética. Não há moral, perderam-se os valores, por muito que se fale neles.